

RESUMO



EQUIPE

No camarote do navio brasileiro Ary Rongel, a coordenadora Mônica Muelbert e os pesquisadores Gerson Norberto (boné) e Ítalo Braga. Ao todo, 15 profissionais, entre biólogos, veterinários e oceanógrafos, revezaram-se no refúgio Emilio Goeldi (foto à direita), entre novembro a março. Uma das características do 4º Ano Polar Internacional (que na verdade terá duração de dois anos), é o trabalho em rede de pesquisa, não só de países, mas também de áreas de atuação.



O REFÚGIO

Os dois projetos na Ilha Elefante são feitos pelos mesmos pesquisadores. O que os diferencia é o enfoque, sendo um de longo prazo e outro mais imediato. O acesso até o refúgio Emilio Goeldi é feito por meio do Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel, seguido de helicóptero. Todo o transporte de cargas é feito em caixas brancas, denominadas marfinites. No Programa Antártico Brasileiro, cada um dos projetos geralmente recebe o nome dos coordenadores, como o da Ilha Elefante, indicado somente como projeto Mônica.



isolamento >>> Na lendária ilha onde o inglês Ernest Shackleton chegou, no século passado, após quase seis meses à deriva, dois projetos brasileiros são desenvolvidos. Um deles pertencente ao 4º Ano Polar

Na mesma ilha onde, em abril de 1916, 27 tripulantes liderados pelo lendário navegador inglês, Ernest Shackleton, chegaram (após 170 dias à deriva numa banquisa de gelo), dois projetos científicos brasileiros vêm sendo realizados. Um está vinculado ao 4º Ano Polar Internacional, o outro é viabilizado pelo CNPq. Ambos são coordenados pela oceanóloga Mônica Muelbert, 46. Os estudos têm como foco os pinípedes das Ilhas Shetland do Sul, dentre elas, a Ilha Elefante, situada a aproximadamente 230 quilômetros da estação brasileira (116 milhas náuticas).

Diferente dos homens comandados por Shackleton - que além de esgotados vinham se alimentando de carne de foca e pingüins - os pesquisadores que vivem durante alguns meses em Elefante têm um pequeno lar, o refúgio Emilio Goeldi, capaz de acomodar, em três beliches num mesmo ambiente, até seis pessoas. O privilégio de passar longos períodos naquele local requer diversos sacrifícios, como caminhadas na neve com pesadas roupas e equipamentos. Falta de banho, fortes ventos e temperaturas abaixo de zero também entram na lista das dificuldades. A beleza das paisagens, no entanto, é uma das recompensas. “É uma experiência profissional ímpar. A partir do momento em que você deixa o Brasil para fazer ciência, uma série de emoções novas começam a ocorrer freqüentemente”, conta o oceanógrafo Ítalo Braga, 31.

Ao lado da coordenadora Mônica Muelbert, e de outros quatro especialistas, ele passou 21 dias no refúgio. De volta à “civilização” (ainda a bordo do Navio Ary Rongel, ansioso por retornar ao Brasil, onde estavam esposa e filha), ele recordou a experiência, feliz com a primeira vivência Antártica. “A Mônica me ajudou muito. Não sabia, por exemplo, quantas meias teria que levar. Já houve casos de uma pessoa passar sessenta dias, e querer levar 60 pares de meias. Às vezes, isso pode até inviabilizar a logística, porque existe o transporte de cargas, e tudo isso se reverte em custos. São detalhes que fazem muita diferença no final”, diz Ítalo.

O próximo período dele na Antártica ocorreu logo no início do ano, novamente longe da família e dos luxos. “Fico muito feliz de ter vivido esta oportunidade. Acho que a ficha ainda nem caiu. Me lembro que



PINÍPEDES

Pinípedes são mamíferos marinhos como focas, leões, lobos e elefantes marinhos (foto). Podem mergulhar até 1000 metros de profundidade.

às vezes, quando ia deitar, depois de ter deixado tudo arrumado no refúgio e no laboratório, pensava: será que eu vou acordar amanhã em casa? Era tudo muito impressionante. O pôr-do-sol na Antártica é fantástico”, recorda o oceanógrafo estudante de doutorado da Furg.

Em condições no mínimo superiores às dos 28 naufragos do *Endurance* (navio comandado por Shackleton), os brasileiros que passam de um a três meses no refúgio usam da criatividade para lidar com a distância e a falta de alimentos frescos. “Existiam formas diferentes de comer a mesma coisa. Fazíamos pizza de cereal, usando cereal com massa. Houve até um dia em que fizemos uma moqueca de galinha. A gente improvisava, fazendo um pouco de tudo”, brinca Gerson Norberto. Natural de Salvador, ele diz que a coisa mais complicada foi adaptar-se ao frio. “A parte do companheirismo foi uma das mais significativas da vivência”, completa.

CIÊNCIA INTERNACIONAL

Um dos trabalhos coordenados pela doutora Mônica estuda a biodiversidade de pinípedes que habitam as ilhas Shetland do Sul. A idéia, segundo ela, é fazer um monitoramento a longo prazo de toda a fauna de pinípedes daquela região. Os estudos ocorrem desde 1998, porém, de forma não continuada. “Por meio deste trabalho é possível fazer um levantamento de distribuição, ocorrência, espécies na região e alguns estudos básicos de biologia”, afirma.

Além do estudo mencionado acima, outro trabalho é realizado em Elefante (só que vinculado ao Ano Polar Internacional). Segundo Muelbert, trata-se de uma parceria entre dez países: Noruega, Canadá, Eua, Brasil, Itália, Inglaterra, Austrália, África do Sul, Alemanha e França. “A idéia desta ação é fazer um rastreamento de elefantes marinhos por meio de satélite, usando rastreadores que foram desenvolvidos pela Inglaterra”, diz Mônica. De acordo com a doutora, estes amostradores vão servir para, dentre outras coisas, fornecer dados científicos. “O rastreador mede a condutividade, temperatura e a profundidade oceânica e ajuda a descrever a coluna da água, dando uma idéia da dinâmica física do oceano”, finaliza Mônica Muelbert.

Frases



“Toda vez na Antártica é uma primeira vez. A beleza da história é essa, há sempre renovação pelas pessoas. É legal vê-los voltarem ‘mordidos pelo mosquitinho’”.

Mônica Muelbert Oceanógrafa

Brasil em rede mundial

O primeiro Ano Polar Internacional ocorreu em 1882-1883, quando 12 nações fizeram estudos coordenados do clima e do magnetismo terrestre nos dois extremos da Terra. O mesmo ocorreu em 1932-1933 e 1957-58. Deste último, resultou a primeira conferência antártica, que seria a base para o então Tratado Antártico, ditando as regras para a região situada abaixo do paralelo de 60º Sul.

A quarta edição do Ano Polar começou em 2007, e terá a duração de dois anos. É a primeira vez que o Brasil participa desta mobilização científica. A abertura oficial da participação brasileira ocorreu em Brasília, em março de 2007, num evento que teve a presença do então ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende.

De acordo com o órgão criado pelo Governo Federal para realizar as operações brasileiras na Antártica, Cirm, (Comissão Interministerial para os assuntos do mar), anualmente, cerca de 120 pesquisadores, divididos em 20 projetos atuam no continente. A atual Operantar, por coincidir com o Ano Polar Internacional, terá 214 especialistas, realizando 19 trabalhos de pesquisas, sendo que deste total, onze pertencem ao Ano Polar.